

# Em Nova Friburgo sobra emprego

Foto de Mirian Fichtner

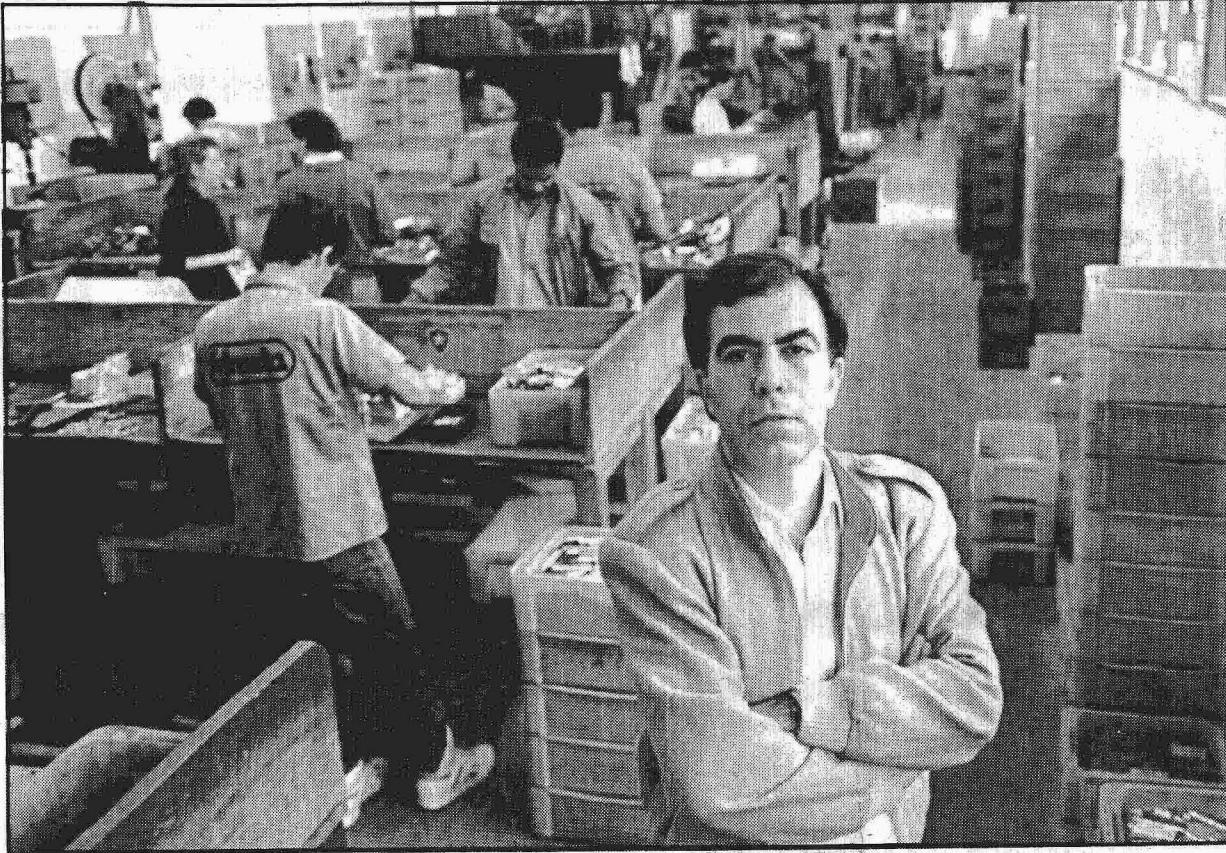
Existe um lugar no Estado do Rio onde sobra emprego e falta mão-de-obra. É Nova Friburgo, Município na região Serrana, a 130 quilômetros da capital, onde a recessão ainda não conseguiu escalar a Serra dos Órgãos. Para driblar a escassez de costureiras e viabilizar o plano de expansão da fábrica Filó — controlada pela multinacional Triumph —, a estratégia do Diretor Administrativo-Financeiro da empresa, Harold Paekkert, foi contratar funcionários dos municípios vizinhos — Cantagalo e Cachoeira de Macacu.

Cartazes dizendo "Precisa-se de costureiras" podem ser encontrados nas lotações — feitas por Kombis —, nos postes de luz e nos painéis dos ônibus. Produzindo atualmente 1,5 milhão de peças, a Filó já está no limite da sua capacidade. Para ampliar entre 10% e 20% sua produção estão sendo investidos US\$ 4 milhões, além de US\$ 2 milhões para atualizar o maquinário.

Como a Filó quer ficar longe dos bancos e distantes dos juros de mercados, todo o investimento da empresa é feito com capital próprio. Esta política empresarial parece ser a fórmula de sucesso do Município, pois a maioria das empresas prefere dispensar os empréstimos bancários. Com faturamento mensal entre US\$ 5 milhões e US\$ 6 milhões, o Diretor-Presidente da fábrica, Adam Hoffman, se orgulha de não ter esperado o anúncio da nova política industrial para modernizar a empresa:

— Estamos em processo contínuo de renovação.

A presença da colonização alemã está presente em todos os pontos da cidade e, também, no pensamento empresarial destes executivos friburguenses. Arp, Sichel, Ihns, Thurler, Frossard, Curty, Nagel, Wiedemann são alguns dos sobrenomes mais encontrados no catálogo telefônico de Nova Friburgo, o que denuncia a importância da colonização suíça e ale-



Fernando de Barros, da Frimeta, pretende importar máquinas da Alemanha

mã no município. Com uma renda per capita próxima de cinco salários-mínimos, a qualidade de vida de Nova Friburgo está começando a se tornar um problema: para cada friburguense que nasce, chega um de fora querendo ficar.

Dados apurados pelo Delegado Regional da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Paulo Roberto Candeias, indicam que os segmentos têxtil e metal-mecânico dão o tom da economia local: estes dois se-

tores respondem por 41,9% da produção. Na opinião do Assessor Econômico da Secretaria de Fazenda, Pedro Diniz, Nova Friburgo pode ser considerado um dos municípios com maior peso na economia fluminense: só perde para o Rio, Baixada Fluminense e São Gonçalo.

Perto do Rio, mas distante da recessão que preocupa os executivos cariocas, os empresários friburguenses não tiveram dificuldades nem mesmo para se adaptar ao Plano Collor, que paralisou a produção de vá-

rias empresas. A Filó, por exemplo, se estruturou para reduzir a jornada de trabalho em 25% durante seis meses, mas antes de completar o primeiro mês, já estava produzindo a todo vapor.

O espírito de modernidade que trouxe conta da área têxtil também está sendo adotado pelas empresas do setor metal-mecânico. Fernando de Barros, Diretor Gerente da Frimeta, que atua no segmento de dobradiças, está estudando a possibilidade de importar máquinas da Alemanha.